

“DEUS É AMOR OU PODER?”

O processo de sucessão de um líder
religioso pentecostal

Alden Antonio de Araujo

“DEUS É AMOR OU PODER?”:

O processo de sucessão de um líder
religioso pentecostal



São Paulo 2018

Copyright © Editora Recriar, 2018.



Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei nº 9.610, de 19/02/1998.

É expressamente proibida a reprodução total ou parcial deste livro, por quaisquer meios (eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação e outros), sem prévia autorização, por escrito, da editora.

Coordenação: Iago Freitas Gonçalves

Revisão: Equipe Recriar

Capa, Diagramação e Projeto Gráfico: Bruna Martelli de Souza

Conselho Editorial:

Dr. Edin Sued Abumanssur

Dr. Gedeon Freire de Alencar

Dr. Maxwell Fajardo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A358d Araújo, Alden Antônio de, 1985 –
Deus é amor ou poder? / Alden Antonio de Araujo. São
Paulo: Recriar,2018.
126 p.

ISBN 978-85-53107-00-1

1. Protestantismo 2. Pentecostais

3. Igreja Pentecostal Deus é Amor

1. Título.

CDD: 288

CDU: 284

Para contato envie um e-mail para: faleconosco@editorarecriar.com

Acesse a nossa loja virtual e conheça outras obras.

www.editorarecriar.com

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	15
-----------------	----

CAPÍTULO I – CONSTRUÇÃO DO CARISMA PENTECOSTALISMOS DOS ANOS 50/60 E AS ORIGENS DA IGREJA PENTECOSTAL “DEUS É AMOR”

1.1 – A IPDA E O PENTECOSTALISMO BRASILEIRO NOS ANOS 50/60.....	28
1.2 FOI POR ISSO, MAS NÃO SÓ.....	28
a) Êxodo rural.....	30
b) Resíduos do “getulismo”: carisma e conservadorismo.....	33
c) A importância do rádio para o pentecostalismo dos 50/60.....	34
d) Influência norte-americana: esperança e empreendedorismo.....	36
e) O modelo evangelístico da IEQ e da IPBC: inovação e modernidade.....	37
f) “Vácuo de conservadorismo”.....	39
1.3 – DAVID MIRANDA ANTES DA IPDA.....	40
1.4 – GÊNESE DA IPDA.....	42
a) A conversão ao Pentecostalismo.....	42
b) Uma liderança carismática em construção.....	43
c) IPDA – Um sonho de Deus (David) que se realiza.....	45
d) Uma legitimidade em construção.....	46
e) Desafios iniciais do novo líder carismático.....	49
1.5 CONCLUSÃO.....	50

CAPÍTULO II – CONSOLIDAÇÃO DO CARISMA
MARCAS IDENTITÁRIAS DA IGREJA PENTECOSTAL
“DEUS É AMOR”

2.1 OS PRIMEIROS PASSOS NA CONSOLIDAÇÃO DO CARISMA.....	51
2.2 MARCAS IDENTITÁRIAS.....	52
a) Sede Mundial – Templo da “Glória de Deus”.....	54
b) A opção pelos “pobres”.....	57
c) “Guerra contra o mal” – A cosmovisão do pentecostalismo “ipedeano”.....	62
d) Regulamento Interno (RI) e seu processo de adequação.....	67
e) O uso restrito e seletivo das mídias.....	75
2.3 CONCLUSÃO.....	78

CAPÍTULO III – TRANSMISSÃO DO CARISMA
O PROCESSO DE SUCESSÃO DE DAVID MIRANDA NA
IGREJA PENTECOSTAL “DEUS É AMOR”

3.1 O LÍDER CARISMÁTICO.....	79
3.2 DISTRIBUIÇÃO DO PODER.....	82
3.3 UM PROJETO FRUSTRADO DE SUCESSÃO.....	87
3.4 A MORTE DO LÍDER CARISMÁTICO.....	89
a) O problema da sucessão.....	96
b) O processo de sucessão.....	99
c) Rotinização do carisma.....	102
3.5 DISPUTAS NO EXERCÍCIO DO PODER.....	105
3.6 REFORMAS EM CURSO NA IPDA.....	108
a) Reforma Simbólica.....	108
b) Reforma Moral.....	110
c) Reforma Estrutural/administrativo.....	111
3.7 CONCLUSÃO.....	111
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	112
REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	117

PREFÁCIO

Este é talvez um dos mais importantes estudos surgido no mercado editorial recente sobre o pentecostalismo. A razão dessa importância se deve à inovação e à coragem trazidas pelo autor, Alden Araújo. Essas duas qualidades se expressam no objeto de análise, a Igreja Pentecostal Deus é Amor e na forma como se aproximou desse objeto se valendo de um referencial teórico de difícil assimilação e pouco utilizado nos estudos de religião, a saber, as categorias weberianas trabalhadas a partir da perspectiva de Pierre Bourdieu.

A coragem de Alden também ficou demonstrada no momento em que ele aceitou manter o desafio de estudar a IPDA justamente no momento em que seu fundador e líder máximo acabava de falecer em fevereiro de 2015, logo nos primeiros meses da pesquisa. A dúvida pessoal em manter o objeto de estudo ou mudar de tema obrigou-o a redefinir os rumos de análise. É em momentos como esse que se prova quem, de fato, é pesquisador. Um dos fatores mais relevantes para uma pesquisa é algo absolutamente imponderável: a sorte. Situações sobre as quais não se tem controle se apresentam diante do estudioso e podem determinar o destino da pesquisa. A qualidade do pesquisador está em perceber ou descobrir ou criar uma oportunidade diante da sorte. Como ele mesmo diz, a *fortuna* se materializou diante dele. Restava agora testar sua *virtú* diante dos fatos. “O objeto estava posto, não fui eu que o escolhi, mas ele que se ‘jogou’ na minha frente, que me ‘obrigou’ a estudá-lo”. A persistência, a paciência e a disciplina do pesquisador prevaleceram para o benefício de todos aqueles que estudam o pentecostalismo no Brasil.

A Igreja Pentecostal Deus é Amor é pouco estudada. Talvez pela dificuldade na obtenção de dados e pelo comportamento arisco das lideranças da IPDA, os estudiosos do pentecostalismo olham para essa igreja meio que à distância, sem entender com segurança a dinâmica interna da construção e distribuição do capital religioso em circulação. Das principais igrejas pentecostais surgidas no Brasil por volta dos anos 60 – a Igreja do Evangelho Quadrangular, a O Brasil Para Cristo, a Igreja do Avivamento Bíblico, a Casa de Oração e a IPDA – esta última foi a que teve a maior expansão e, ao longo das últimas décadas, foi a mais bem sucedida entre as que listamos.

O ambiente geral de emergência dessas igrejas é o da Guerra Fria. É o momento em que, paralelamente, o movimento de renovação carismática alcança também as igrejas protestantes históricas causando vários cismas e a organização de novas denominações. Nesse período nem a Igreja Católica escapou aos ventos renovadores centrados em uma espiritualidade menos racional.

O papel que essas novas igrejas evangélicas tiveram na composição das forças políticas presentes na América Latina em face à disputa cósmica entre duas potestades com poder de vida e morte sobre as nações, ainda está para ser analisado.

A Igreja Pentecostal Deus é Amor se tornou um *case* paradigmático para o estudo dos processos de rotinização e transmissão de carisma. A figura central e centralizadora de David Miranda, associada ao fato dele não ter conseguido construir em vida a sua sucessão, criou as condições onde sua herança espiritual e material tornaram-se objetos de disputa. A família, que já não era assim o melhor exemplo de unidade e coesão, armou-se para a briga pelo espólio de David Miranda. Uma luta na qual as principais armas eram a capacidade de direção espiritual dos fiéis, mas, acima disso, a capacidade de manter o apoio do conjunto de pastores e líderes da denominação. No entanto, não havia ninguém, dentre as opções disponíveis, que reunisse essas qualidades.

É da natureza da dominação carismática o personalismo no exercício desse poder. Quando morre o líder, morre com ele o carisma. A alternativa é esse tipo de liderança ser rotinizada, ou seja, é transferir o carisma para a instituição. É curioso como, com raras exceções, o líder resiste a esse movimento. Um caso semelhante aconteceu com a morte de Manoel de Mello, da igreja O Brasil Para Cristo. E posso estar enganado, mas a Igreja Mundial do Poder de Deus enfrentará o mesmo problema quando morrer Waldemiro Santiago se a sua igreja sobreviver até lá. Por outro lado, o processo de rotinização do carisma é mais visível na Igreja Universal do Reino de Deus. Ali, percebe-se o movimento de institucionalização do carisma que pertence a Edir Macedo.

O livro de Alden Araújo debruça-se sobre esse problema. O seu olhar sobre a IPDA põe em pauta a construção, a consolidação e a transmissão do carisma de David Miranda e torna explícita a forma como se estruturam as principais igrejas pentecostais no Brasil, inclusive as Assembleias de Deus. Os grandes clássicos da sociologia da religião são visitados e vêm em socorro dessa análise. Não apenas Max Weber, mas principalmente a maneira como Pierre Bourdieu leu e operacionalizou as categorias weberianas.

O livro não traça perspectivas para o futuro da IPDA. Foi escrito no calor dos acontecimentos e muita água vai rolar por baixo da ponte (e por cima também, ao que tudo indica) antes que se clareiem os horizontes dessa igreja. Mas as bases para a análise estão bem colocadas e amarradas por Alden Araújo.

DEDICATÓRIA

À memória de Dona Elvina, minha saudosa avó,
que partiu deste mundo sem partir de meu coração.

Em minha memória, o passado se torna presente
e as lembranças são revividas como um instante de alegria.

AGRADECIMENTOS

Cultivo a gratidão como um valor inalienável, sem o qual, as relações humanas estariam severamente comprometidas. Dela deriva a humildade que nos permite reconhecer que sem o outro pouco alcançaríamos em nossas vidas.

Agradeço a Deus, causa e razão última de minha existência. À minha esposa Barbara que, com muito amor e paciência, acompanha mais de perto minhas alegrias e dissabores sempre me fazendo crer que a vida vale a pena. À minha filha Clara que, nos momentos de maior cansaço e desânimo, me traz luz e entusiasmo com seu sorriso encantador. À minha mãe, por sua preocupação constante e seu incentivo permanente. A meu pai que, ao longo de todo meu percurso acadêmico, jamais me deixou desamparado nos momentos de maior dificuldade financeira. À minha irmã, cunhado e sobrinhos, por sua alegria e descontração.

Sou grato também a Edin Abumanssur, a quem aprendi a admirar sobremaneira e que me ajudou com grande sabedoria a pôr ordem no caos de ideias que emergiram em minha trajetória acadêmica. Graças a ele pude me apropriar do pensamento de Pierre Bourdieu e Max Weber, autores indispensáveis no tipo de aproximação que fiz com o campo pentecostal. Ao Ênio José da Costa Brito, que, ao me receber em sua sala com solicitude na primeira vez que pus meus pés no programa de pós-graduação da PUC-SP, me mostrou as diretrizes necessárias para esta empreitada acadêmica. Aos professores e amigos que me ajudaram no início da elaboração do meu trabalho, João Décio Passos e Joemil Guilherme de Souza. Também os outros professores com quem tive aula durante a minha formação acadêmica, Fernando Londoño, Silas Guerriero, Luiz Felipe Pondé, José Queiroz e a professora Zeca. A todo departamento de Ciências da Religião da PUC-SP, representado pelo coordenador do programa, Prof. Dr. Frank Usarski. Vale também fazer memória ao saudoso Prof. Afonso Maria Ligório Soares, sua simplicidade constitui uma marca inesquecível que representa todo ethos próprio do programa de Ciências da Religião da PUC-SP.

Aos professores, Maxwell Fajardo e Eliane Gouveia, que se dispuseram a fazer a leitura atenta deste texto e contribuíram com suas arguições extremamente pertinentes.

Ao Grupo de Estudo do Protestantismo e Pentecostalismo (GEPP) da PUC-SP, sem dúvida, a minha pertença a este grupo foi um elemento determinante para os meus avanços acadêmicos. Lá fiz amigos e compartilhei experiências que me ajudaram a compreender melhor o campo pentecostal. A Gedeon Alencar que muitas vezes, ao ser solicitado por mim, se dispôs a ler meus textos e colaborar com suas relevantes observações.

Apesar de atuar como professor efetivo na rede estadual de SP, não pude contar com qualquer incentivo por parte da secretaria da educação de SP para o meu aprimoramento acadêmico, ao contrário, a carga-horária elevada e as exigências burocráticas que extrapolam o ofício docente foram empecilhos que tive que superar em minha trajetória acadêmica. Contudo, agradeço aos meus alunos pela paciência e amizade, aos professores, colegas de trabalho, que me acompanham, me incentivam, suportam algumas vezes meu cansaço e desânimo e compartilham de minhas alegrias e conquistas. À professora Marcia Elena que me ajudou de maneira preciosa e com grande dedicação no processo de revisão do texto.

Aos pesquisadores do campo pentecostal, entre eles, Sidnei Moura e Emílio Zambon de Mendonça com quem mantive contato virtual ao longo de minha pesquisa e que me forneceram importantes informações para o meu trabalho. Aos muitos pastores e membros da IPDA que se dispuseram a me acolher com grande respeito e gentileza em suas comunidades. Aprendi a respeitá-los e admirá-los enquanto comunidade religiosa.

APRESENTAÇÃO

O que acontece com uma denominação pentecostal quando seu líder-fundador morre repentinamente e não há previsto um processo legítimo de sucessão? Quais as consequências imediatas quando o capital religioso disponível no campo, antes monopolizado pelo líder-fundador, precisa ser partilhado entre os novos líderes emergentes? Este se torna objeto de disputa, causa de contenda e conflito? A problemática da sucessão se torna ainda mais intensa quando a história da denominação se confunde com a história do líder, quando a magia do campo depende exclusivamente da liderança carismática. A ausência do carisma provoca uma crise de legitimidade dos novos líderes e uma intensa luta por capital que pode provocar cisões no seio da comunidade religiosa. É justamente sobre estas questões que versa este livro tomando como referência a situação vivenciada pela Igreja Pentecostal “Deus é Amor” após a morte de seu fundador David Miranda, líder carismático por excelência.

A dinâmica dos capítulos visa conduzir o leitor ao processo de construção, consolidação e transmissão do carisma de David Miranda, tendo em vista, sobretudo, apontar as razões que dificultam um processo sucessório harmonioso.

No primeiro capítulo há um breve relato histórico das origens da IPDA, buscando demonstrar o quanto a gênese desta igreja está intimamente ligada à construção do carisma de David Miranda. Para isso, aborda-se o contexto em que se dá o surgimento desta liderança carismática e como estes fatores contribuíram de alguma forma, dentro de uma ideia de afinidade eletiva, para a formação desta denominação fundada por David Miranda.

O segundo capítulo descreve algumas marcas que delimitam a identidade da IPDA, tais como: seu Regimento Interno, sua Sede Mundial simbolizada pelo grandioso Templo da “Glória de Deus”, a opção que a IPDA faz pelos mais pobres, o uso restrito e seletivo que esta igreja faz das mídias e a cosmovisão que impera no universo “ipedeano”, centrada na “Guerra contra o Mal”. O capítulo visa, sobretudo, demonstrar que estes elementos que constituem a marca distintiva da IPDA, em meio ao campo pentecostal, são formados a fim de consolidar o carisma de David Miranda, assim como, denotar o seu monopólio de capital no interior desta Igreja.

Por fim, o terceiro capítulo registra o processo de sucessão que se inicia nesta igreja, a partir do falecimento de seu líder fundador. Esta denominação que se consolidou no campo pentecostal a partir do carisma de David Miranda se vê sob a necessidade de transmitir tal carisma. Este processo sucessório, portanto, é fortemente marcado por tensões no que tange a disputa por legitimidade no exercício do poder.

Esta obra pretende, portanto, refletir sobre um tema extremamente relevante para os estudos de religião e pouquíssimo abordado que é a questão da sucessão do líder carismático. Além disso, saindo do eixo ADs – IURD, esta obra promove uma discussão sobre o campo pentecostal tendo como ponto de partida e principal referência a Igreja de David Miranda, tornando-se assim a primeira obra a oferecer uma leitura histórico-sociológica da IPDA, uma das principais denominações pentecostais do Brasil.

Alden Antonio de Araujo¹

1. Mestre em Ciência da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), graduado em filosofia pelo Centro Universitário Assunção (UNIFAI) e membro do Grupo de estudo sobre o Protestantismo e Pentecostalismo da PUC-SP (GEPP).

TABELA DE SIGLAS

IPDA	- Igreja Pentecostal “Deus é Amor”
IURD	- Igreja Universal do Reino de Deus
ADS	- Assembleias de Deus
IEQ	- Igreja do Evangelho Quadrangular
IPBC (BPC)	- Igreja Pentecostal Brasil para Cristo
CCB	- Congregação Cristã do Brasil
RI	- Regulamento Interno
DM	- David Miranda
IMPD	- Igreja Mundial do Poder de Deus
ICAR	- Igreja Católica Apostólica Romana
AD – MADUREIRA	- Assembleia de Deus – Ministério Madureira
AD – BRÁS	- Assembleia de Deus – Ministério Brás
IBGE	- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IBOPE	- Instituto Brasileiro de Opinião e Estatística

Este livro visa apresentar, por meio de um olhar sociológico e etnográfico, o processo de sucessão de uma liderança religiosa, a partir do campo religioso pentecostal, especificamente na Igreja Pentecostal “Deus é Amor” (IPDA). Ele surgiu a partir de um interesse particular de compreender os mecanismos de dominação religiosa fundados no carisma. Ele é resultado de minha dissertação de mestrado em Ciência da Religião, por isso, vale descrever brevemente o processo de desenvolvimento de minha pesquisa, esta trajetória é reveladora das limitações inerentes à pesquisa, a escolha estratégica e contingente dos caminhos teóricos e metodológicos confere a singularidade do trabalho e, portanto, a sua relevância e especificidade. Conhecer o processo de construção do texto, o que há por traz dos resultados obtidos, permite ao leitor uma aproximação mais consistente com o objeto delineado pelo autor neste livro.

No início do projeto as pretensões eram enormes, descabidas para as limitações de tempo que o mestrado acadêmico oferece. Pensei que fosse possível adotar como objeto de estudo a crise das lideranças carismáticas no contexto da pós-modernidade. Os primeiros passos da orientação, ainda na fase de pré-projeto, me revelaram que o assunto era amplo demais e que pressupõe, na verdade, objetos múltiplos e diversas possibilidades de abordagem. Qual liderança carismática? Qual pós-modernidade, se é que ela existe? Como estabelecer essa relação e ainda apontar uma possível crise? Ou seja, perguntas extremamente complexas para um tempo de pesquisa relativamente curto. É razoável afirmar que hoje o pertencimento e a fidelidade aos líderes religiosos estão fortemente abalados no contexto da modernidade religiosa, sobretudo, se considerarmos o caráter instável da legitimação carismática. Contudo, pretender demonstrar isso de forma válida e séria exigiria uma labuta não condizente com o tempo escasso que a academia dispõe para obtenção do título de mestre (2 anos). Compreendi, então, que era preciso delimitar o objeto, acurá-lo na humildade acadêmica, reconhecer minha condição de pesquisador, o que significa reconhecer a minha incapacidade de abraçar um objeto que desenhei extenso demais diante das condições materiais e das ferramentas teóricas e metodológicas de que dispunha. Era preciso por “ordem” neste “universo” caótico do tema escolhido, ou seja, era preciso construir um objeto palpável, cognoscível, capaz de ser alcançado no tempo e no espaço, mesmo que parcialmente e dentro de uma leitura específica, oferecer certa inteligibilidade ao real que se apresenta.

Era preciso aproximar a “lupa” que permite restringir o que deve ser pesquisado, escolher o ângulo pelo qual se olhará para o objeto construído, afinal, um mesmo objeto, dada a sua riqueza e complexidade, pode ser abordado por diversos

ângulos válidos e complementares, sendo impossível dar conta de todos em uma vida inteira, quanto mais em dois anos, que é o tempo disponível para pesquisa de mestrado. Eis a primeira lição que a academia me ensinou: Humildade.

Neste sentido, após os primeiros contatos com o orientador, o processo de delimitação da pesquisa levou-me a direcionar o meu foco na identificação de uma liderança carismática passível de análise e com relevância, enquanto objeto a ser pesquisado. A essa altura, já havia abandonado a discussão sobre pós-modernidade e suas consequências para os líderes religiosos. Em minhas pesquisas preliminares, identifiquei, por meio de leitura bibliográfica, que há, enquanto hipótese, um cenário de crise das lideranças religiosas das instituições tradicionais e que neste contexto tem se destacado, por seu aparente sucesso, os líderes das igrejas denominadas pentecostais, cujas lideranças se consolidam, quase em sua maioria, a partir de uma figura carismática. Portanto, escolhi os líderes pentecostais por estarem mais atrelados à ideia de carisma que tanto me apetecia. Porém, ao estudar os pentecostalismos, percebi que o desafio seria duplo: primeiro, sou de origem católica e não possuía qualquer conhecimento do campo pentecostal, um mistério a ser decifrado, uma realidade completamente nova para mim. O meu conhecimento sobre os pentecostais não transcendia o senso comum e o preconceito adquirido ao longo dos anos no berço católico.

Era preciso empreender uma inserção no campo, observar o *habitus* subjacente aos pentecostais, identificar os “troféus” que estavam em “jogo” e os meios de acúmulo de capital que estimulavam os líderes pentecostais em seus itinerários religiosos. Em suma, era preciso assimilar a alquimia simbólica, a *illusio*, que dava sentido ao campo em questão. O segundo desafio, consistia em oferecer algo novo para a academia, uma vez que, tanto já se falara de pentecostalismo no meio acadêmico. É um tema atual, extremamente relevante, mas, aparentemente, saturado, pelo menos na forma como vem sendo abordado.

A última década do século XX marcou definitivamente a entrada do pentecostalismo na pauta de discussão da academia. O número de teses, dissertações e artigos em revistas especializadas se multiplicou, e as abordagens, sociológicas, antropológicas, econômicas, políticas, teológicas, psicológicas dão a dimensão da importância que o tema adquiriu para os estudiosos. A mídia, com sua má vontade e azedume de um lado, e a atuação política dos pentecostais, de outro, contribuíram para essa inusitada visibilidade. (ABU-MANSSUR, 2011, p. 402).

Em que minha pesquisa poderia contribuir para os avanços no estudo dos pentecostalismos? Como não se ater ao que já foi dito? Como extrapolar os assuntos e as igrejas “classicamente” estudadas ao se falar de pentecostalismo?²

2. “Os anos recentes vêm encontrar os estudiosos desse fenômeno em uma espécie de ressaca de macroanálises. As interpretações e leituras abrangentes, que procuravam dar conta do campo pentecostal com classificações e ordenamentos, cedem espaço para as pesquisas pontuais e de menor abrangência temática, geográfica ou institucional [...]. Há uma mudança de escala no olhar. Os paradigmas interpretativos, que ajudaram a disciplinar o olhar dos pesquisadores nas duas últimas décadas, já não exercem a mesma sedução de antes e percebemos um certo desconforto com a insuficiência analítica que eles carregam”. (ABUMANSSUR, 2011, p. 405-406).

Meus estudos, considerando estes desafios, me encaminharam para a IPDA e para David Miranda, uma igreja ímpar no campo pentecostal com um líder emblematicamente carismático que, apesar de ser uma das maiores denominações do país, possui pouquíssimos estudos acadêmicos acerca desta igreja³, em comparação com outras denominações, tais como: Igreja Universal do Reino de Deus (IURD)⁴ e Assembleias de Deus (ADs).

Uma pesquisa arriscada, que visava descrever o exercício da liderança na IPDA a partir do carisma de seu fundador. Contudo, ainda faltava algo, não estava muito claro de que forma iria me aproximar deste objeto que ainda parecia muito extenso em sua complexidade. A verdade é que o objeto ainda não estava muito bem definido. Vou pesquisar a IPDA e seu líder fundador. Mas o que, especificamente, vou pesquisar? Ou seja, de qual ângulo farei minha pesquisa? Afinal, quantos pontos podem ser apreendidos da IPDA e de David Miranda, a partir de uma história de pouco mais de cinquenta anos de sua fundação? Questões angustiantes frente à necessidade acadêmica de construir a delimitação do objeto.

Mas a Fortuna, no sentido maquiaveliano, realizou sua epifania. No dia 22 de fevereiro de 2015, domingo de manhã, já com seis meses de pesquisa e sem saber muito bem por onde abordar o meu objeto, minha mãe me interpelou no corredor de minha casa perguntando qual era a igreja mesmo que eu estava estudando. prontamente respondi: “Deus é Amor”. Então, ela disse: “Acabou de passar na TV que o David Miranda morreu”. A Fortuna de Maquiavel acabara de passar na minha frente. A princípio, fui tomado pela surpresa e pelo desespero acadêmico de quem vê seu objeto de estudo morrer, os primeiros minutos após aquela notícia me fez pensar como eu estudaria a liderança de David Miranda sem que ele estivesse lá, exercendo tal liderança. Pensei por alguns instantes que tudo tinha acabado, precisava buscar outra denominação, outro líder carismático. Mas, aos poucos, as ideias foram se encaixando e a virtú maquiaveliana floresceu.

Era preciso usar aquele fato a meu favor, talvez ali estivesse a minha oportunidade para delimitar o objeto e o ponto de partida para analisar o tipo de liderança exercida por David Miranda na IPDA. Em minha primeira conversa com o orientador, após a morte de David Miranda, tive certeza que a teoria maquiaveliana tinha se concretizado na minha pesquisa. De fato, estava diante de uma oportunidade de pesquisa relevante (Fortuna) e que precisaria me apropriar da melhor maneira, dispondo de bons instrumentos teóricos e metodológicos, para dar conta desta realidade que se apresentava aos meus olhos de pesquisador (Virtú).

3. Mendonça (2009), Paul Freston (1993), Hélio de Lima (2008), Paulo Barrera (2001), Leonildo Campos (1982) correspondem aos poucos estudos acadêmicos de maior relevância relacionados à IPDA”, isso aponta para uma escassez de pesquisas voltadas a esta Igreja, mesmo o senso 2010 (IBGE) tendo colocado esta Igreja em 9º lugar entre as Igrejas pentecostais.

4. Recentemente, entre outros, pode-se destacar os textos de Ronaldo de Almeida (ALMEIDA, 2009) que realiza uma discussão acerca da IURD e de Gedeon de Alencar (ALENCAR, 2010) que foca na análise do pentecostalismo clássico, mais precisamente as ADs.

O objeto estava posto, não fui eu que o escolhi, mas ele que se “jogou” na minha frente, que me “obrigou” a estudá-lo. Só era preciso estabelecer certo “cosmos” no caos da realidade disponível, a partir da morte de David Miranda. Conferir-lhe inteligibilidade a partir de uma teoria pertinente e aplicável, tornando possível sua análise através de um instrumento tangível e ordenador, contudo, reconhecendo suas limitações. Nisto consistiu minha pesquisa, como a IPDA e suas novas lideranças reagem em função da necessidade de suceder o portador legítimo do carisma, tendo como referencial teórico principal as análises de Max Weber no que tange a liderança do tipo carismática e a necessidade de sucessão, e de Pierre Bourdieu no que se refere à construção, consolidação e transmissão do capital simbólico adquirido pelo líder carismático. “Ecce Homo”, eis o meu objeto devidamente delimitado.

Porém, outro desafio emergiu a partir da construção e definição do objeto. Como estudar um fenômeno ainda em curso? Como analisar uma realidade que se transforma a cada dia? Novamente, uma lição de humildade precisou ser aprendida nos passos seguintes da pesquisa, quando percebi que estava lidando com um objeto em intensa atividade, um objeto em movimento e repleto de potencialidades. Eu o delimiti, mas ele rompeu as fronteiras estabelecidas.

A cada novo avanço e descoberta na pesquisa novas perspectivas se abriam em função das conjunturas desencadeadas no processo de sucessão em curso na IPDA. Às vezes, me sentia como um jornalista que corria atrás da última notícia. Os conflitos inerentes à necessidade de suprir a ausência de David Miranda fizeram emergir um ambiente caótico difícil de ser apreendido por qualquer pesquisador. O exercício de seleção e discernimento crítico para separar as informações pertinentes e os simples boatos foi, sem dúvida, uma habilidade recorrente durante todo percurso, até o último momento da pesquisa. A sensação é de que o objeto transcendeu minhas expectativas e possibilidades. A partir das categorias aristotélicas é possível dizer que este objeto permanece em movimento, passagem constante de ato à potência, sendo impossível metodologicamente encerrá-lo em tal pesquisa. O processo de sucessão de David Miranda extrapola os limites impostos pelo tempo disponível para esta pesquisa, de modo que somente me restou indicar o estado atual de tal processo e indicar potenciais conjecturas decorrentes desta realidade em ato. As lutas internas geradas, a partir da necessidade de aglutinar o capital deixado por David Miranda após a sua morte, agitaram o campo da IPDA de tal forma que esta sucessão enquanto objeto de estudo se mostrou extremamente escorregadia, objeto líquido, para usar a categoria de Baumam. A pesquisa exigiu o reconhecimento constante de que não seria possível acompanhar todos os passos deste processo sucessório até sua definição, dado os limites de tempo e a fluidez do objeto extremamente atual e em curso.

Em síntese, a relevância deste trabalho consiste em apontar como se constitui a legitimidade da liderança religiosa no campo pentecostal, a partir de uma análise específica da igreja pentecostal “Deus é Amor”, que está submetida a um movimento

interno de reorganização que intensifica as relações de disputa de poder em função do falecimento de seu líder fundador, David Miranda. Este livro permite, de alguma forma, compreender como o fenômeno religioso pentecostal reage à contemporaneidade, explorando o carisma de seus líderes, contudo, sujeitos à instabilidade própria desta forma de dominação.

A importância desta obra consiste, também, em contribuir para as futuras pesquisas que visem analisar as lideranças religiosas carismáticas num cenário de crise de legitimidade, posta a necessidade de sucessão do portador do carisma. Em pesquisa bibliográfica preliminar, percebeu-se, também, um limitado avanço nos estudos referentes à Igreja pentecostal “Deus é Amor”, apesar da efervescência de estudos voltados ao pentecostalismo no Brasil e ao atual contexto vivido por esta Igreja em virtude da morte de seu líder carismático, de modo que este presente trabalho visa contribuir com pesquisas futuras desta específica Igreja.

Portanto, este trabalho, reconhecendo suas limitações teórico-metodológicas e sem pretender encerrar o assunto, mas apenas oferecendo uma perspectiva de análise válida dentre tantas outras possíveis, tem como objeto o estudo do processo de sucessão do líder David Martins Miranda da Igreja Pentecostal “Deus é amor”. Esta instituição, fundada em 1962 por David Miranda, desenvolveu-se em torno da figura carismática de seu líder. No entanto, em virtude do falecimento do fundador em fevereiro de 2015, desencadeou-se um processo de sucessão nesta Igreja marcado por disputas de poder, sobretudo, porque o modo como deve ocorrer a sucessão não foi previamente definido.

Este livro busca refletir e investigar as seguintes questões: Considerando seus estatutos, regimento interno e estrutura eclesial, de que modo se dá, a partir do quadro atual, a organização da Igreja Pentecostal “Deus é Amor”? Qual a reação dos membros da Igreja e de suas lideranças locais, assim como de todo campo pentecostal, frente ao processo de sucessão do líder carismático e fundador David Miranda?

Como as relações de poder no campo religioso da Igreja Pentecostal “Deus é Amor” se configuram em virtude da necessidade de sucessão da liderança carismática? Quem são os líderes que emergem neste novo cenário marcado pela ausência de uma figura carismática legítima? De que modo esta nova liderança se sustenta, em virtude dos possíveis conflitos de interesses que podem emergir na configuração do exercício do poder em função da não previsão de um processo sucessório legítimo do líder carismático, em caso de seu falecimento?

Neste sentido são verificadas as seguintes hipóteses:

1. Apesar de Ereni Miranda, esposa de David Miranda, ter assumido o cargo de presidente da IPDA, após a morte de seu marido, há um “vácuo” de liderança nesta denominação, principalmente, porque não estava previsto, explicitamente, um plano específico para o processo sucessório.

2. A necessidade de sucessão, a partir de uma tipologia ideal, fez emergir dois perfis atrelados à família que reivindicam o exercício legítimo do poder: Ereni Miranda, sua filha, Debora Miranda e seu genro, Lourival de Almeida, representam o primeiro perfil, caracterizado pelo investimento no processo de racionalização administrativa da empresa de David Miranda, tendo por finalidade manter a estrutura de organização da igreja, porém, sem uma figura carismática no lugar do fundador, mas com a sinalização de possíveis reformas nos âmbitos simbólico, moral e administrativo. David Miranda Filho, primogênito de David Miranda, personaliza o segundo perfil, que se legitima por meio de uma espécie de carisma hereditário, apropriando-se das práticas consagradoras do pai, tais como: milagres e curas. Visa exercer sua liderança a partir da dominação carismática, quer na instituição do pai, quer em uma outra denominação fundada por ele mesmo.
3. Este cenário revela uma disputa no exercício do poder na IPDA, denotando certa crise de legitimidade dos líderes religiosos emergentes, a partir da necessidade de sucessão do líder carismático, David Miranda. Ou seja, como não foram previamente estabelecidas as regras institucionais, quanto ao processo de sucessão, afloram diversos conflitos de interesses que podem provocar rupturas, cisões ou mudanças estruturais comprometedoras do futuro da denominação.

Um bom ponto de partida, para se investigar a legitimidade dos líderes religiosos pentecostais, junto a seus seguidores, é considerar o conceito a partir da tipologização weberiana. Max Weber (1864-1920), um dos pais fundadores das Ciências Sociais, fornece em suas obras um corpo consistente, relevante e atual de análise dos fenômenos histórico-sociais. Dentre suas inúmeras obras pode-se destacar *“A ética protestante e o Espírito do Capitalismo”* (1904-1905), *“A objetividade “cognoscitiva” da ciência social e da política social”* (1904), *“O trabalho intelectual como profissão”* (1919), *“Escritos de sociologia da Religião”* (3 volumes, 1920-1921) e, por fim, sua obra *“Economia e Sociedade”* (1922), que servirá de modo mais efetivo na análise das categorias que este trabalho se propõe a estudar, a saber: tipo de dominação carismática e sucessão do líder carismático. Este Clássico das Ciências Sociais desenvolveu a teoria dos tipos ideais. Para ele, a tipologia é usada como instrumento metodológico que permite analisar a realidade a partir de um quadro ideal. No entanto, a tipicidade weberiana não quer descrever a realidade autêntica categoricamente, mas oferecer meios para medir ou comparar a realidade efetiva. (Cf. REALE; ANTISERI, 2005). É nesta perspectiva que este texto visou se apropriar do tipo de dominação exercida por David Miranda na IPDA. Parte-se da constatação weberiana de que a realidade é demasiadamente complexa e caótica, sendo necessário fazer uso de tipologias como recurso epistemológico que permite tornar cognoscível tal realidade pesquisada. O termo dominação é mais adequado na análise weberiana do exercício do poder.

Dominação é a probabilidade de encontrar obediência a uma ordem de determinado conteúdo, entre determinadas pessoas indicáveis. [...] O conceito de “poder” é sociologicamente amorfo. Todas as qualidades imagináveis de uma pessoa e todas as espécies de constelações possíveis podem pôr alguém em condições de impor sua vontade, numa situação dada. Por isso, o conceito sociológico de “dominação” deve ser mais preciso e só pode significar a probabilidade de encontrar obediência a uma ordem. (WEBER, 2014, p. 33).

Para tal, se distinguem três tipos ideais de dominação: a racional, a tradicional e a carismática⁵. A dominação racional se caracteriza pela legalidade do poder, conforme uma autoridade instituída por lei. Há também a dominação de tipo tradicional, na qual a autoridade se fundamenta na tradição que se sustenta na perenidade do tempo, ou seja, o que já é há tanto tempo não pode ser alterado. Por fim, Weber destaca a dominação de tipo carismática⁶.

Esta forma de dominação se estabelece nas qualidades pessoais do líder que personaliza o carisma em si, de acordo com suas habilidades especiais que o destaca em meio aos outros. O carisma se caracteriza como uma qualidade pessoal fora do comum, tida como sobrenatural, ou ainda, considera-se o portador do carisma alguém escolhido por Deus, um exemplo e ser seguido e, portanto, um líder.

Denominamos “carisma” uma qualidade pessoal considerada extracotidiana [...] e em virtude da qual se atribuem a uma pessoa poderes ou qualidades sobrenaturais, sobre-humanos ou, pelo menos, extracotidianos específicos ou então se a toma como enviada por Deus, como exemplar e, portanto, como “líder”. (WEBER, 2014, p. 159, grifo do autor).

Fraga (2013), ao dissertar sobre o conceito de dominação carismática weberiana, destaca que o profeta, o herói guerreiro e o demagogo são os tipos mais puros de dominação carismática. Segundo o mesmo autor, a manutenção da dominação dependerá da permanência das qualidades do líder, o fim destas acarretará no fim da dominação. Oliveira (2009) reforça afirmando que, de acordo com Weber, as provas são indispensáveis para a conservação da legitimidade carismática⁷. O carisma é marcado pela instabilidade devido à necessidade de ser constantemente demonstrado e comprovado. O líder carismático necessita dar provas de suas especialidades, garantir a eficácia de seus poderes mágicos e heroicos, como também, proporcionar o bem-estar de seus liderados, caso contrário, poderá ser destituído e abandonado.

5. Estas categorias de análise perpassam toda obra de Max Weber, principalmente, sua obra clássica, “Economia e Sociedade”, no entanto, é, sobretudo, no capítulo III deste livro que o autor analisa de forma mais detalhada esta tipologia.

6. Os elementos próprios da legitimidade carismática são as que mais se enquadram no campo religioso pentecostal aqui investigado, por isso, em nossa análise nos aprofundaremos, sobretudo, nesta tipologia específica de Weber.

7. Na Igreja Pentecostal “Deus é Amor” é possível identificar no líder David Miranda a tipologia weberiana. Conforme afirma Barrera, o exercício da liderança no interior desta Igreja faz com que a “IPDA seja identificada como a Igreja de David Miranda do Brasil.” (BARRERA, 2005, p. 215).

Em sua forma genuína, a dominação carismática é de caráter especificamente extra-cotidiano e representa uma relação social estritamente pessoal, ligada à validade carismática de determinadas qualidades pessoais e à prova destas. Quando essa relação não é puramente efêmera, mas assume o caráter de uma relação permanente [...] a dominação carismática, que, por assim dizer, somente em *status nascendi* existiu em pureza típico-ideal, tem de modificar substancialmente seu caráter: tradicionaliza-se ou racionaliza-se (legaliza-se), ou ambas as coisas, em vários aspectos. (WEBER, 2014, p. 161-162).

Sendo assim, o líder carismático precisa enfrentar constantemente uma tendência natural de o carisma esvanecer-se conforme o tempo. Weber fala, inclusive, de uma rotinização do carisma, processo que acontece em virtude do desejo de tornar o carisma elemento permanente do cotidiano. Deste modo, a dominação carismática culminaria em um dos outros tipos de dominação. (Cf. WEBER, 2014).

A legitimidade dos líderes da Igreja Pentecostal “Deus é Amor” se viu ameaçada devido a necessidade da sucessão do líder carismático David Miranda que, segundo Mendonça (2009), não conseguiu designar com êxito quem deveria ser seu sucessor, sobretudo, em função de sua dificuldade de descentralizar o exercício de sua dominação. Considerando a análise de Bourdieu, o processo de sucessão se refere sempre a um elemento decisivo para o futuro da instituição, tanto mais no campo religioso, onde o líder carismático confere a alquimia simbólica que circula no campo e legitima a eficácia de sua dominação. Não há previsto um processo sucessório por meio de eleição, portanto, a sucessão de David Miranda será marcada por conflitos de interesses que modificarão as estruturas internas desta Igreja e a sua configuração de exercício do poder.

O processo metodológico foi marcado por alguns desafios. O meu primeiro contato com a IPDA se deu mediante uma dissertação realizada por Emílio Zambon de Mendonça (2009), com quem mantive contato via e-mail ao longo de minha pesquisa. Esta dissertação abarca a história da IPDA em detalhes e foi um importante instrumento teórico para que eu me apropriasse de alguns elementos importantes na aproximação com o campo pentecostal desta igreja. O trabalho de Mendonça oferece uma boa descrição da história da IPDA, além de apontar aspectos interessantes de sua identidade como igreja, por isso, para não me tornar redundante, não quis aprofundar neste livro aspectos que já estão bem esclarecidos neste trabalho de 2009. Busquei contribuir com a atualização de alguns elementos, mas, sobretudo, a minha maior contribuição consiste em oferecer uma leitura da história da IPDA e de suas marcas identitárias, a partir do carisma de seu fundador, denotando o fato de que o sentido desta denominação está intimamente atrelado com o processo de construção e consolidação do carisma de David Miranda e, por isso, a necessidade de transmissão do carisma, ou seja, a sucessão do líder desta igreja, acarreta conflitos e lutas internas que provocam transformações na instituição.

Eu nunca havia entrado em uma igreja pentecostal antes de começar a pesquisa para o mestrado, nem participado de qualquer culto. Por isso, antes de escrever sobre uma igreja pertencente a este campo religioso, considerei necessário frequentar, sem perder o olhar sociológico, uma denominação da IPDA. Para fins de observação e análise, busquei envolver-me no cosmos “ípedeano”, a partir de um processo de iniciação neste universo que envolve “corpo e alma”, moralmente repleto de particularidades, buscando identificar a trama que estabelece o tipo de relação social e simbólica vivida no interior do campo e que confere o sentido e move os agentes sociais deste específico universo dentro do pentecostalismo. Ao escolher a IPDA, graças à pesquisa bibliográfica prévia, eu já sabia das dificuldades em realizar uma inserção direta no campo. Esta igreja possui um longo histórico de resistência a pesquisadores da academia. Os membros da família Miranda, consequentemente, toda diretoria, não costumam conceder entrevistas e ainda orientam os outros membros da igreja a fazerem o mesmo, de modo que, é muito difícil ter acesso às informações próprias do campo desta igreja. A princípio, planejei me inserir em uma comunidade local da IPDA, a fim de que, por meio das lideranças periféricas, pudesse ter acesso a alguns desses líderes dominantes que emergiram a partir da morte de David Miranda. Contudo, o primeiro dia de pesquisa de campo me decepcionou demasiadamente.

Eu pretendia simplesmente participar do culto de forma oculta e sem, necessariamente, me identificar, apenas observar. Porém, ao pisar na igreja, percebi que não seria possível.

Eu era muito diferente deles, logo me notaram, (isso porque eu fiz questão de me vestir com calça e camisa social, uma que eu tinha guardada para eventos importantes). Eu não fazia parte daquela igreja, não tinha o *habitus* que os identificava. Era um estrangeiro, um bárbaro, invadindo seu espaço. Eles se conheciam pelo nome, tinham um jeito próprio de se vestir, de se portar, de falar, de orar, um capital incorporado evidente, o qual eu não fazia nem ideia. Por isso, me senti deslocado, desconfortável. Fui logo interpelado: “O que o senhor deseja”, perguntou-me um rapaz, que ao me ver entrar e sentar, sentou-se ao meu lado. Naquela hora o meu plano ruiu, travei totalmente. Refleti em um instante de segundo: “Identifico-me ou não?”. Em outro lugar, em outra situação, em um espaço que me fosse comum, saberia o que fazer, mas ali eu não soube. Como disse, estava desconfortável, então, acabei me identificando. Disse que era pesquisador e que queria conversar com o pastor responsável para conhecer melhor a IPDA e David Miranda. Aquele rapaz me levou até uma “salinha” apertada, onde o líder local estava. Ele me apresentou da seguinte forma: “Este aqui é um pesquisador que quer saber sobre o missionário”.

O pastor, que estava em pé, com os olhos fitos na bíblia, sem mover a cabeça, olhou-me de baixo acima, voltou os olhos para a bíblia e disse: “Eu não tenho nenhu-

ma informação, você tem que ir lá na sede, lá eles te informam tudo que você quiser saber”.

Eu ainda insisti, dizendo que admirava David Miranda e que queria conhecer um pouco de sua história, mas de forma resistente ele encerrou o diálogo dizendo que havia na igreja um livro que contava a biografia do missionário, que ele me daria um para eu ler. Aceitei gentilmente, porém, percebi que daquele pastor não teria nada mais do que aquele livreto. O tempo todo ele dizia que não sabia nada, que as informações só estão disponíveis na sede com pastores mais “importantes”. Pedi para participar do culto mesmo assim. Ao final do ato celebrativo, ele fez questão de me apresentar publicamente a todos os membros presentes. Disse que eu era estudante e que estava pesquisando sobre o “saudosos missionário”, ao qual todo povo aclamou: “aleluia”. Olhando bem em meus olhos, o pastor disse na frente daquela pequena parcela de “ipedeanos”: “Aqui, infelizmente, ninguém tem muito para te dizer! E já que você está aqui, não quer aproveitar a oportunidade e aceitar Jesus em seu coração! ”. Seu eu já estava me sentindo constrangido, ainda mais me senti naquele momento. Fiquei em silêncio por um instante, mas depois, vendo aí a oportunidade para me aproximar de alguma forma, respondi que tinha gostado do culto e que iria continuar frequentando, mas que ainda não me sentia pronto para “aceitar Jesus”. Depois disso, parece que o olhar do pastor e dos outros membros mudou, deixaram de me olhar como um simples pesquisador, totalmente estranho ao grupo, e passaram a me olhar como um potencial convertido. No entanto, fui embora extremamente insatisfeito, pois senti que não conseguiria as informações necessárias para minha pesquisa acerca do processo de sucessão ali naquela comunidade com aquele pastor. Na verdade, percebi no campo que não conseguiria tais informações com nenhum outro pastor. Primeiro, porque eles não contariam o que sabem. Segundo, porque eles não sabem muita coisa daquilo que acontece nos bastidores da IPDA, isto constatei melhor depois de algum tempo.

Continuei frequentando as denominações da IPDA presentes na periferia da cidade de São Paulo⁸ durante toda minha pesquisa, mas minha presença ali era sempre como observador, as conversas com os pastores eram informais e sempre repletas de lacunas e respostas de “fachada”, cuja ideia era demonstrar que nada de anormal estava ocorrendo na IPDA, que nada mudara e nem tinha previsão de mudanças. Eles me evitavam o máximo possível. Mas, durante o culto, quando atuavam como pastor, direcionavam várias mensagens para mim, na esperança de que eu me convertesse. Afinal, essa era a única razão que ainda os fazia me aceitar ali, entre eles. Consequentemente, frente à resistência dos pastores, os fiéis também me evitavam. Tentei conversar com alguns membros, mas todos se esquivavam.

Resolvi adotar outras estratégias paralelas para obtenção de informações pertinentes quanto ao processo de sucessão em curso, mas, para fins de aproximação com o campo, continuei a frequentar as denominações “ipedeanas” como forma de

8. Frequentei os cultos nos templos da IPDA presentes nos bairros da zona leste de São Paulo, Itaim Paulista (2 templos), São Miguel Paulista (1 templo) e Jd. Helena (2 templos).

apreensão do *habitus* comum ao universo da IPDA. Já não fazia perguntas, apenas observava e assimilava, na medida do possível, o jeito peculiar de ser igreja pentecostal no seio da periferia.

Desde o primeiro dia, registrei minhas notas etnográficas em um diário de campo. Ao final da pesquisa, computei inúmeras observações aleatórias anotadas, fruto de cada visita àqueles templos e à sede mundial. Em um ano e meio, estive nos templos periféricos 48 vezes, alternando em cada semana entre domingos e quintas-feiras. Sem contar as inúmeras horas acompanhando a programação de rádio e as tantas visitas ao portal oficial da IPDA na internet. Na sede mundial, pude estar 8 vezes participando de eventos centrais, em que era permitida a entrada de todos os membros. Estive lá outras 3 vezes em dias ordinários a fim de obter, sem muito sucesso, algumas informações pertinentes aos novos líderes. Ao contrário do que a liderança periférica havia me dito, os integrantes da sede também não estavam muito dispostos a colaborar com minha pesquisa. Pediam para agendar outro dia, depois desmarcavam. Algumas vezes, simplesmente diziam que o responsável pelas informações não se encontrava e que eu deveria retornar em outra oportunidade. O tempo disponível para pesquisa de campo e as limitações inerentes ao pesquisador, que não pode dispor-se *full-time* à pesquisa por razões profissionais e familiares, foram empecilhos intransponíveis que impediram o rompimento total do bloqueio que existe entre pesquisador e pesquisado. Contudo, superando a minha decepção inicial e as limitações apresentadas, esta inserção no campo foi extremamente preciosa, sem a qual não fariam sentido algum as informações obtidas paralelamente por meio de outros interlocutores que não pertenciam aquele universo restrito do campo de pesquisa que eu havia escolhido. Com o passar do tempo, identifiquei que aqueles fiéis falavam de forma “silenciosa”, por meio de seus gestos e posturas. Que aqueles pastores davam sinais do que estava ocorrendo na sede, sem necessariamente dizer isto a mim. Havia um ambiente de tensão por detrás da aparente harmonia.

Percebi que aquele microcosmo da IPDA, mesmo que de forma bem discreta e sutil, refletia o que estava ocorrendo no campo como um todo.

Outra fonte importante em meu trabalho de campo foram as redes sociais. Aprendi ao longo deste percurso de aproximação com a IPDA que hoje o campo de pesquisa se estende também para o universo virtual, sobretudo, quando há certa restrição de acesso ao campo físico. As mesmas pessoas que se recusam em falar sobre o assunto na frente do pastor ou da comunidade reunida e presente na igreja são as mesmas que postam comentários reveladores em suas páginas pessoais nas redes sociais. A sensação de invisibilidade e o anonimato, proporcionados pelo universo virtual, fazem florescer informações que jamais seriam obtidas em entrevistas formais.

É claro que só esta fonte não esgota a pesquisa, mas foi, para meu trabalho, uma ferramenta extremamente útil para sentir o clima tenso que cerca o processo de sucessão de David Miranda e a busca de legitimidade dos novos líderes emergentes.

No templo, as pessoas oravam “a uma só voz”, mas nas redes sociais eram claras as vozes dissonantes que apoiavam um em detrimento de outro. Alguns a favor das mudanças, outros ferrenhamente contra. Por exemplo, no caso mais recente envolvendo David Filho⁹, por meio das redes sociais, há alguns que apoiam o primogênito de Miranda, outros, por outro lado, defendem a postura da diretoria atual. No entanto, se você perguntar sobre o assunto nas igrejas locais ou na sede mundial, ninguém se atreve dar sua opinião por medo de represálias, sobretudo, os pastores.

Também mantive contatos relevantes, ao longo do processo de pesquisa, com pessoas que tinham informações pertinentes, provindas de outras pessoas bem próximas de algumas lideranças da IPDA. Alguns destes contatos mantém páginas na internet, onde comentam justamente sobre o universo pentecostal, inclusive, a IPDA.

A condição *insider* deles permite que acompanhem os bastidores do campo pentecostal e possuam acesso a informações restritas por circularem livremente neste universo, conhecerem informantes que eu, na minha condição *outsider*, jamais conheceria. Por isso, não hesitei em contatar estes pesquisadores internos por meio de e-mails.

Deles obtive muitas informações, umas extremamente pertinentes e outras nem tanto. Foi preciso um rigoroso processo de seleção de dados, a fim de separar boatos de evidências, rancores de constatações, e nisto a vivência no campo foi essencial, porque foi possível verificar junto aos fiéis e pastores a veracidade de tais informações. Mesmo diante do silêncio ou da resposta de “fachada”, seus corpos falavam, davam indícios de que aquele dado era real ou não.

Aos poucos, pude aprender a lidar com a dinâmica que envolve a IPDA, dentre todas as igrejas pentecostais, uma das mais “fechadas” e “rudes” para com sujeitos externos ao seu campo. Pude galgar um espaço de observação e descobrir frestas pelas quais era possível adentrar este universo ao mesmo tempo de amor e de poder, onde se prega a caridade, mas também se trava competitivamente uma luta por capital. Sem ser invasivo demais, respeitando esta característica de meu objeto de estudo, pude me aproximar e estabelecer com ele uma relação de respeito e confiança mútua. Após um início confuso e doloroso, marcado por um sentimento de frustração e desespero, afinal, havia uma expectativa em torno de minha pesquisa gerado na academia e que, por vezes, pensei não ser capaz de corresponder, consegui encontrar o eixo metodológico que alinhou imersão no campo e fontes paralelas e que permitiu tornar cognoscível o processo de sucessão de David Miranda, a partir de uma específica leitura que não enseja ser a única, nem pretende concluir o assunto, mas se apresenta como um olhar possível sobre esta realidade. Neste empreendimento, investi corpo e mente, vísceras e intelecto.

9. O primogênito de Miranda teria tido conversas íntimas com uma garota pela internet e a diretoria da IPDA resolveu afastá-lo de suas funções administrativas e eclesiais. Este fato será melhor explicitado ao longo do livro.

Ao longo do processo da pesquisa, entrei no universo da IPDA, porém, não saí ileso, carrego comigo um pouco deste *habitus* “ipedeano”. Ao me deixar seduzir por meu objeto, fui capturado por ele a tal ponto que transcorreu com certa naturalidade a transmutação dos dados em linguagem sociológica. De modo que, apropriando-me das categorias de Espinosa, posso afirmar que o encontro afetivo entre o meu “Eu” e a denominação de David Miranda, para fins acadêmicos, provocou em mim uma alegria, intensificou minha potência de agir. Sendo assim, saio deste processo realizado comigo mesmo. Aristotelicamente falando, esta pesquisa e consequentemente este livro foram para mim *eudaimônicos*, ou seja, valeram por eles mesmos!